

Ajuda ao País anima bolsas nos EUA e Europa

David Karp/AP

Empresas com grande exposição no Brasil, como bancos e grupo de telefonia, lideram avanços

NOVA YORK – A ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI) ao Brasil animou bastante as principais bolsas do mundo, favorecendo principalmente empresas com grande exposição no País. “O resgate do Brasil pelo FMI diminui a probabilidade de um grande desastre nos mercados emergentes, de um contágio financeiro e de uma alta nos prêmios de risco”, explicou Matthew Wickens, economista do Banco ABN Amro, controlador do Banco Real. John Connor, colunista da agência de notícias *Dow Jones Newswires*, disse que a liberação do maior pacote financeiro da história do FMI indica que a administração de Bush está preocupada com a perspectiva de um contágio na América Latina.

Nas bolsas americanas, o índice Dow Jones teve o terceiro pregão consecutivo com altas de 100 pontos ou mais, o que não acontecia desde março de 2001. Nos últimos três pregões, o Dow acumulou alta de 668,39 pontos (8,31%). Ontem ele avançou 255,87 pontos (3,03%), fechando em 8.712,02 pontos. O Nasdaq fechou o pregão em alta de 35,62 pontos (2,78%), indo para 1.316,52.

O avanço do Dow Jones foi liderado por bancos que têm grandes quantias emprestadas ao Brasil. As ações do Citigroup avançaram 7,55% e as do J.P. Morgan Chase, 9,69%. As ações do Fleetboston – que atua no Brasil com a bandeira BankBoston – subiram 7,80%, e as do Bank of America, 4,81%. Papéis de empresas brasileiras negociadas em Nova York também mostraram bom desempenho. A Brasil Tele-



Expectativa de corte nos juros do Fed também ajudou ações americanas a terem ganhos

com avançou 14,5%.

Segundo analistas, a expectativa de que o Federal Reserve (Fed, o banco central americano) reduza os juros na próxima semana também influenciou as bolsas. O fato de o Índice de Preços ao Produtor ter caído 0,2% em julho, quando se esperava uma alta, reforçou a possibilidade de um recuo nos juros.

Na Espanha, as ações dos bancos Santander e do BBVA fecharam com valorização de 8% e 8,6%, respectivamente. As ações da Telefónica subiram 7,7%. O desempenho desses papéis impulsionou a Bolsa de Madri, que avançou 5%.

Na Bolsa de Amsterdã, as

ações do banco holandês ABN Amro, com grande exposição no Brasil, subiu 11,5%, apesar de os resultados divulgados ontem não terem sido satisfatórios.

Em Londres, avançaram com o efeito do acordo brasileiro os papéis do HSBC e do Standard Chartered, em cerca de 3% e 4%. A alta da bolsa foi de 3,57%. Em Paris, o avanço foi de 3,61%. As ações do Carrefour cresceram 4,20% (o Brasil representa 5% de seu volume de negócios).

No médio prazo, a avaliação é que o reflexo positivo do fechamento do acordo do Brasil com o FMI dure pelo menos duas semanas, considerando que o governo

e os candidatos à Presidência continuem dando sinais favoráveis à tentativa de reequilibrar o País.

O acordo surpreendeu os meios bancários não só pela rapidez de conclusão, mas principalmente pelo volume. Essa é a opinião de Jenny Clei, responsável pelo risco país do Coface, agência de notação que garante também os créditos de exportação na França. Segundo ela, o alto montante do crédito mostra como era urgente a ajuda financeira ao Brasil, cuja moeda vinha sofrendo forte especulação nesses últimos tempos. O montante mostra “o forte desejo das autoridades monetárias internacionais de apagar rapidamente o incêndio”. Segundo Jenny, esse crédito prova que, “hoje em dia, ninguém mais pode se permitir uma derrocada do Brasil”. (Reali Júnior, AE e agências internacionais)

DOW JONES
CRESCER 3,03%
E NASDAQ,
2,78%